



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL – OIAPOQUE
COORDENAÇÃO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LUANE DOS SANTOS SILVA

**ENCANTOS DA ALDEIA SANTA IZABEL: INTERFACES ENTRE A EDUCAÇÃO
INDÍGENA E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA**

OIAPOQUE – AP
2026

LUANE DOS SANTOS SILVA

**ENCANTOS DA ALDEIA SANTA IZABEL: INTERFACES ENTRE A EDUCAÇÃO
INDÍGENA E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
coordenação do curso de Licenciatura em Pedagogia, em
cumprimento às exigências para obtenção do título de
graduado. **Orientador:** Prof. Dr. Luiz Eduardo Paulino da
Silva

OIAPOQUE – AP

2026

LUANE DOS SANTOS SILVA

**ENCANTOS DA ALDEIA SANTA IZABEL: INTERFACES ENTRE A EDUCAÇÃO
INDÍGENA E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA**

Artigo aprovado em: **22 de junho de 2026**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Eduardo Paulino da Silva
CAMPUS BINACIONAL/UNIFAP
Orientador

Profa. Dra. Leyla Menezes de Santana
CAMPUS BINACIONAL/UNIFAP
Examinadora

Prof. Mestre Rafael dos Santos Rocha
CAMPUS BINACIONAL/UNIFAP
Examinadora

OIAPOQUE – AP

2026

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me sustentado até aqui, concedendo-me saúde, força e sabedoria para superar os desafios encontrados ao longo desta caminhada.

Aos meus filhos, Kaynan Willey Silva dos Santos e Rychard Bernardo Silva dos Santos, peço desculpas pelos momentos em que estive ausente e não pude dedicar a vocês toda a atenção que mereciam. Cada esforço, cada noite de estudo e cada desafio enfrentado foram motivados pelo desejo de construir um futuro melhor para nós. Vocês foram minha maior inspiração para seguir em frente.

Ao meu marido, Derlan dos Santos Karipuna, expresso minha sincera gratidão por todo o apoio, incentivo e companheirismo durante esta trajetória. Obrigada por compreender minhas ausências, compartilhar os desafios deste percurso e acreditar, em todos os momentos, na minha capacidade de alcançar este objetivo.

Aos meus pais, Daniel Silva e Dina dos Santos, agradeço profundamente pelo amor, apoio e incentivo ao longo desta caminhada. Minha gratidão é ainda maior pelo cuidado e dedicação ao meu filho mais velho durante o primeiro ano de estudos e nesta etapa final do curso. Esta conquista é resultado dos valores, ensinamentos e exemplos que vocês me transmitiram ao longo da vida.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Eduardo Paulino da Silva, pela paciência, dedicação e pelos valiosos conhecimentos compartilhados durante a construção deste trabalho. Suas orientações foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa e para minha formação acadêmica.

Aos professores do Curso de Pedagogia, expresso minha sincera gratidão pelos conhecimentos transmitidos ao longo da graduação, os quais contribuíram significativamente para minha formação acadêmica, pessoal e profissional. Agradeço, de modo especial, à professora Leyla Menezes de Santana e o professor Rafael dos Santos Rocha, por aceitarem compor a banca examinadora deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho e fizeram parte desta importante etapa da minha vida. Esta conquista também pertence a cada pessoa que me apoiou, incentivou e acreditou em meu potencial ao longo dessa jornada.

ENCANTOS DA ALDEIA SANTA IZABEL: INTERFACES ENTRE A EDUCAÇÃO INDÍGENA E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Luane dos Santos Silva

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)
Oiapoque, AP, Brasil

Luiz Eduardo Paulino da Silva¹

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)
Oiapoque, AP, Brasil

Resumo

Este estudo analisa as relações entre a educação indígena e a educação escolar indígena na Aldeia Santa Izabel, pertencente ao povo Karipuna, localizada na Terra Indígena Uaçá, no município de Oiapoque/AP. A pesquisa busca compreender como os saberes tradicionais transmitidos pela oralidade, pela convivência comunitária e pelas práticas culturais dialogam com a educação escolar indígena. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica documental, fundamentada em autores que discutem educação indígena, memória e identidade cultural. Os resultados evidenciam que a educação escolar indígena e a educação indígena coexistem na comunidade, contribuindo para a preservação cultural e o fortalecimento da identidade indígena.

Palavras-chave: Educação indígena. Educação escolar indígena. Identidade cultural.

Abstract

This study analyzes the relationship between diffuse education and formal education in Santa Izabel Village, inhabited by the Karipuna people and located in the Uaçá Indigenous Territory, in the municipality of Oiapoque, Amapá, Brazil. The research seeks to understand how traditional knowledge transmitted through orality, community life, and cultural practices interacts with Indigenous school education. This is a qualitative, bibliographic, and field study grounded in authors who discuss Indigenous education, memory, and cultural identity. The findings indicate that formal education and diffuse education coexist within the community, contributing to cultural preservation and the strengthening of Indigenous identity.

Keywords: Indigenous education. Diffuse education. Cultural identity.

¹Professor da Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional. Orientador deste trabalho de Conclusão de curso.

Introdução

A educação indígena constitui um processo formativo construído historicamente no interior das comunidades tradicionais, sendo transmitida por meio da oralidade, da convivência coletiva, das práticas culturais, dos rituais, da relação com a natureza e das experiências vividas no cotidiano. Trata-se de uma educação que ultrapassa os limites da instituição escolar, estando presente nos diferentes espaços de socialização e aprendizagem da comunidade.

Diferentemente da educação escolar indígena, organizada em instituições de ensino e orientada por normas e diretrizes do sistema educacional brasileiro, a educação indígena desenvolve-se integrada à vida comunitária e fundamenta-se nos conhecimentos ancestrais dos povos originários. Compreender as relações entre a educação indígena e a educação escolar indígena torna-se fundamental para refletir sobre os processos históricos, culturais e educacionais vivenciados pelas comunidades indígenas, especialmente na Aldeia Santa Izabel.

Localizada na Terra Indígena Uaá, no município de Oiapoque, estado do Amapá, a Aldeia Santa Izabel é habitada pelo povo Karipuna, cuja formação cultural foi historicamente marcada pela transmissão de saberes entre as gerações. Antes da implantação da educação escolar indígena, os conhecimentos eram compartilhados pelos mais velhos por meio das narrativas orais, dos ensinamentos relacionados à pesca, à agricultura, aos rituais, à convivência comunitária e ao respeito aos valores culturais do povo Karipuna. As crianças aprendiam observando, ouvindo e participando das atividades cotidianas da aldeia, fortalecendo os vínculos culturais, sociais e identitários da comunidade.

Conforme afirma Aranha (2006, p. 51), "a educação não se reduz à escola, pois ocorre em todos os espaços da vida social". Essa compreensão permite reconhecer que os saberes indígenas são produzidos e compartilhados coletivamente, constituindo importantes formas de preservação da memória, da identidade e da resistência cultural dos povos originários.

Ao longo do tempo, a educação escolar indígena passou a ocupar espaço nas comunidades indígenas, especialmente a partir da atuação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), por volta de 1930, com a nomeação de um delegado e a criação do Posto do Encruzo. Como ressalta o *Currículo* (2006), esse órgão foi criado pelo governo brasileiro sob o discurso de proteção e integração dos povos indígenas à sociedade nacional.

Contudo, muitas das ações desenvolvidas pelo órgão estiveram associadas a processos de assimilação cultural, buscando adequar os povos indígenas aos valores e modos de vida da sociedade não indígena.

Nesse contexto, diversas escolas implantadas em territórios indígenas contribuíram para a repressão de práticas culturais tradicionais, especialmente no que se refere ao uso das línguas originárias. Em muitos casos, os indígenas eram obrigados a seguir padrões culturais externos à sua realidade, sofrendo restrições e punições quando utilizavam sua língua materna ou manifestavam costumes tradicionais no ambiente escolar.

Segundo relatos históricos apresentados por Rondon (1953), na década de 1930 foram implantadas escolas entre os povos indígenas da região do Uaçá, incluindo os Karipuna. O autor destaca que esses indígenas apresentavam resultados considerados satisfatórios no processo de escolarização por já possuírem conhecimentos de leitura e escrita. Entretanto, tal interpretação estava vinculada aos ideais civilizatórios predominantes naquele período histórico, que buscavam aproximar os povos indígenas dos padrões culturais da sociedade dominante, desconsiderando os conhecimentos próprios das comunidades tradicionais. Dessa forma, embora a escola tenha possibilitado o acesso a novos conhecimentos científicos e educacionais, também contribuiu para significativas transformações culturais e identitárias nas aldeias.

Partindo dessa realidade, esta pesquisa compreende que a educação indígena e a educação escolar indígena coexistem na Aldeia Santa Izabel, estabelecendo relações complexas entre preservação cultural, identidade étnica e exigências do sistema educacional contemporâneo. Nesse contexto, apresenta-se a seguinte problemática: como os saberes e as práticas educativas do povo Karipuna, na Aldeia Santa Izabel, constituem processos de educação indígena e de que forma dialogam com a educação escolar indígena presente na comunidade?

Diante desse questionamento, o objetivo geral deste estudo consiste em compreender as relações estabelecidas entre a educação indígena e a educação escolar indígena na Aldeia Santa Izabel, analisando como esses processos educativos coexistem e se articulam no cotidiano da comunidade Karipuna. Busca-se, ainda, refletir sobre as transformações culturais decorrentes do processo histórico de escolarização indígena, especialmente aquelas relacionadas à identidade cultural, à língua e às práticas tradicionais do povo Karipuna.

A escolha da temática justifica-se pela relação direta da autora com a comunidade investigada, uma vez que pertence ao povo Karipuna e reside na Aldeia Santa Izabel. Assim, este estudo nasce das vivências, memórias e experiências construídas ao longo de sua

trajetória pessoal e comunitária. Reconstituir a história da aldeia e analisar os impactos da implantação da educação escolar indígena configura-se como um importante exercício de valorização cultural e fortalecimento da memória coletiva, especialmente porque muitos dos efeitos desse processo ainda permanecem presentes na realidade da comunidade.

Entre essas consequências, destaca-se o enfraquecimento da língua originária, elemento fundamental da identidade cultural dos povos indígenas. Ao longo das décadas, muitos moradores deixaram de utilizar sua língua ancestral, tornando a língua portuguesa o principal meio de comunicação na Aldeia Santa Izabel.

Além de sua relevância para a comunidade pesquisada, este estudo possui importância social, cultural e acadêmica, uma vez que contribui para ampliar as discussões sobre educação indígena, memória, identidade e resistência cultural. Conforme destaca Krenak (2019), os povos indígenas preservam conhecimentos fundamentais sobre coletividade, pertencimento e modos de vida sustentáveis, tornando indispensável a valorização de suas experiências e epistemologias nos espaços educativos. De maneira semelhante, Munduruku (2012) ressalta a importância da oralidade, da ancestralidade e da memória coletiva na constituição dos povos indígenas, elementos essenciais para a compreensão dos processos educativos desenvolvidos nas aldeias.

Este trabalho fundamenta-se em uma pesquisa qualitativa, por possibilitar uma compreensão mais aprofundada das experiências, memórias e significados presentes no contexto investigado. Segundo Gil (2002), esse tipo de pesquisa permite analisar os fenômenos sociais considerando suas especificidades históricas, culturais e subjetivas. Também foi realizada pesquisa bibliográfica e documental, por meio da consulta a livros, artigos científicos, documentos históricos, monografias e demais produções acadêmicas relacionadas à educação indígena, memória, identidade cultural e processos educativos.

A fundamentação teórica dialoga com autores que discutem educação, memória, identidade e cultura indígena, entre eles Aranha (2006), ao compreender a educação para além dos espaços escolares; Le Goff (1990), ao abordar a memória como elemento fundamental na construção das identidades coletivas; Freire (2002), ao defender uma educação comprometida com a realidade cultural dos sujeitos; Saviani (2008), ao discutir a função histórica e social da escola; Krenak (2019) e Munduruku (2012), ao refletirem sobre os saberes indígenas, a ancestralidade e a resistência cultural; *Curriculo* (2006), ao demonstrar a busca por uma educação escolar indígena que respeite e valorize a cultura e os saberes tradicionais das comunidades indígenas; RCNEI (2002), ao destacar que a educação escolar indígena deve ser comunitária, intercultural, bilíngue e diferenciada; além de Tassinari (2003), cujas

contribuições possibilitam compreender a história da escolarização indígena na região do Uaçá e suas relações com o povo Karipuna.

A vivência da autora como integrante da comunidade Karipuna possibilita uma compreensão mais próxima e sensível das práticas educativas, dos saberes ancestrais e das transformações socioculturais ocorridas ao longo do processo de escolarização. As observações do cotidiano, as memórias coletivas e as experiências culturais constituem importantes fontes de informação para a construção deste estudo.

Assim, este trabalho busca contribuir para o fortalecimento das discussões acerca da educação indígena, valorizando os saberes tradicionais e refletindo sobre os desafios enfrentados pelos povos originários na preservação de sua cultura, identidade e memória diante das transformações históricas decorrentes da consolidação da educação escolar indígena nas comunidades.

2 Memória, cultura e transformações do povo Karipuna

Iniciamos este capítulo com uma reflexão de Le Goff (1990, p. 476), ao afirmar que: "A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens."

A memória constitui um importante instrumento de preservação cultural e transmissão de saberes entre os povos indígenas, permitindo que histórias, tradições, costumes e experiências coletivas permaneçam vivas ao longo das gerações. Por meio dela, conhecimentos ancestrais são compartilhados, fortalecendo a identidade dos grupos e contribuindo para a continuidade das práticas culturais. Nesse sentido, a memória não representa apenas uma recordação do passado, mas um elemento fundamental para a construção do presente e para a projeção do futuro das comunidades.

Segundo Le Goff (1990), a memória constitui um dos principais elementos de construção da identidade individual e coletiva. Da mesma forma, Bosi (1994) destaca que as lembranças preservadas pelos grupos sociais possibilitam a continuidade dos vínculos culturais, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a valorização das experiências vividas.

No contexto indígena, a memória está profundamente associada à oralidade, às narrativas dos mais velhos, aos rituais, às práticas comunitárias e às relações estabelecidas com o território. Por meio desses elementos, os conhecimentos e valores são transmitidos

entre as gerações, contribuindo para a continuidade cultural dos povos indígenas. Conforme ressalta Munduruku (2012), a ancestralidade constitui um dos pilares da existência indígena, sendo por meio dela que os conhecimentos, os valores e os ensinamentos são transmitidos às novas gerações.

No caso do povo Karipuna, as narrativas transmitidas pelos mais velhos possibilitam compreender os processos históricos, sociais e culturais que marcaram a formação da Aldeia Santa Izabel e as transformações ocorridas ao longo do tempo. A história da comunidade encontra-se registrada tanto em documentos quanto nos relatos preservados pelos moradores mais antigos, constituindo importante patrimônio cultural e histórico do povo Karipuna.

Faz-se necessário, portanto, relembrar o histórico da Aldeia Santa Izabel. A comunidade foi fundada por volta da década de 1940 por Manoel Primo dos Santos, conhecido como Senhor Coco, e sua esposa, Delfina Batista. Senhor Coco foi criado em uma fazenda localizada no Igarapé Juminã, pertencente à sua madrinha, Raimunda Batista, onde aprendeu atividades relacionadas à criação de gado e ao comércio.

Após o casamento, construiu uma grande residência no local que, posteriormente, passou a ser denominado Santa Izabel, em homenagem à sua primeira filha. Embora não tenha frequentado a escola, possuía amplo conhecimento das atividades comerciais, fato que contribuiu significativamente para o desenvolvimento econômico da comunidade. Entre as décadas de 1950 e 1960, implantou um pequeno comércio em sua residência, atraindo familiares e pessoas de outras etnias em busca de trabalho e oportunidades econômicas, favorecendo o crescimento populacional da aldeia.

Inicialmente, seu comércio baseava-se na compra de farinha de mandioca, peixes e frutas produzidos pelos moradores da região para posterior revenda no município de Oiapoque. Conforme relatam Silva e Santos (2019, p. 7):

Outra forma de comércio que Seu Coco fazia era levar esses produtos em seu batelão (grande embarcação de madeira, com capacidade de três a quatro toneladas), a remo, à cidade de Oiapoque, viagem que durava até quatro dias, pois tinha que ir pelo rio Curipi, depois pelo rio Uaçá, contornando pela Ponta do Mosquito, no Oceano Atlântico, em seguida pelo rio Oiapoque até a cidade [...].

Com os recursos obtidos nas vendas, eram adquiridos mantimentos e produtos industrializados que, posteriormente, eram comercializados junto aos indígenas da região. Em pouco tempo, Santa Izabel consolidou-se como um importante centro comercial do rio Curipi, fortalecendo também a liderança política e comunitária de Senhor Coco entre os Karipuna.

O comércio foi ampliado com a compra e a revenda de couro de jacaré-açu, atividade bastante comum naquele período. A aldeia tornou-se ponto de parada de embarcações e

comitivas oficiais que transitavam pela região, contribuindo para a circulação de pessoas, mercadorias e informações.

A importância desse comércio para a população local é evidenciada no depoimento de José dos Santos, registrado por Santos (2019, p. 7):

Nesse tempo não existia comércio. As pessoas faziam farinha somente para o consumo e adquiriam, com muita dificuldade, sal e sabão. O café era plantado nas aldeias ou adquirido na cidade. O açúcar, quando não conseguiam comprar na cidade de Oiapoque, era extraído da cana-de-açúcar. Então, o Sr. Coco fez uma grande roça e, quando a farinha ficou pronta, foi vendê-la na cidade de Oiapoque. Quando retornou da cidade, trouxe mercadorias como sal, querosene, sabão, açúcar, café e outros objetos [...]

O declínio dessa atividade econômica ocorreu na década de 1970, especialmente em razão da abertura do Ramal do Manga e da proibição da comercialização de peles de animais, fatores que alteraram significativamente a dinâmica econômica regional.

A Aldeia Santa Izabel localiza-se à margem direita do médio rio Curipi, em uma ilha ligeiramente afastada do curso principal do rio. Seu entorno é caracterizado por áreas de várzea e campos alagados, além da presença de um igarapé que passa em frente à comunidade. Pertencente ao povo Karipuna, possui como comunidades vizinhas Pakapuá, Txipidô, Taminã, Espírito Santo e Jôdef.

Situada na Terra Indígena Uaçá, no extremo norte do estado do Amapá, tem como referência urbana mais próxima o município de Oiapoque. Atualmente, a comunidade é composta por aproximadamente 105 famílias, totalizando cerca de 491 moradores, que mantêm vivas práticas culturais, memórias coletivas e formas próprias de organização social, fundamentais para a preservação da identidade do povo Karipuna.

3 Educação indígena e educação escolar indígena: coexistências e desafios

A educação escolar indígena passou a fazer parte da realidade cotidiana da Aldeia Santa Izabel, estabelecendo novas relações entre os conhecimentos escolares e os saberes tradicionais da comunidade. Nesse processo, surgem desafios relacionados à preservação cultural, à valorização da identidade indígena e à continuidade dos saberes ancestrais.

Antes da chegada da escola, os processos educativos aconteciam por meio das experiências coletivas, da oralidade, das práticas culturais, dos rituais, da convivência comunitária e dos ensinamentos transmitidos pelos mais velhos. Os conhecimentos relacionados à pesca, à agricultura, à espiritualidade, aos costumes e ao respeito à coletividade

eram aprendidos no interior da própria comunidade, fortalecendo os vínculos culturais e identitários do povo Karipuna.

Conforme destaca Aranha (2006), a educação não ocorre apenas na escola, mas está presente em todas as relações sociais e culturais vivenciadas pelos sujeitos. É preciso compreender a educação indígena como um processo formativo construído coletivamente no cotidiano das comunidades, sendo transmitido por meio da convivência social e das experiências compartilhadas entre as gerações. Nesse sentido, a educação indígena constitui uma importante forma de preservação da memória, da cultura e dos saberes ancestrais dos povos originários.

No contexto do povo Karipuna, a educação indígena desempenhava papel fundamental na formação das crianças e dos jovens da comunidade. Por meio da observação, da escuta, da participação nos rituais e das atividades cotidianas, os sujeitos aprendiam valores relacionados ao respeito aos mais velhos, à coletividade, à relação com a natureza e à preservação das tradições culturais. Assim, a aprendizagem não se limitava a um espaço específico, mas acontecia continuamente no interior da vida comunitária.

Com a implantação da escola na Aldeia Santa Izabel, novos modelos educativos passaram a integrar a realidade da comunidade. A educação escolar indígena trouxe conhecimentos relacionados à leitura, à escrita, às ciências e às disciplinas escolares, possibilitando aos indígenas maior acesso aos processos de escolarização e às estruturas educacionais da sociedade não indígena. Entretanto, esse processo também provocou mudanças significativas nas práticas culturais e nas formas tradicionais de transmissão dos saberes indígenas.

Ao discutir a história da educação brasileira, Saviani (2008) afirma que a escola é uma instituição historicamente construída e vinculada aos interesses sociais, políticos e culturais de cada contexto histórico. Dessa forma, a educação escolar indígena, durante muitos anos, esteve associada a projetos integracionistas que buscavam adaptar os povos indígenas aos padrões culturais da sociedade dominante.

Segundo relatos e estudos sobre a escolarização indígena na região do Uaçá, as práticas escolares valorizavam fortemente os símbolos nacionais, a disciplina e os modelos educacionais não indígenas. Isso demonstra que a educação escolar indígena implantada nas aldeias estava relacionada a um projeto de nacionalização e integração cultural, muitas vezes desconsiderando as especificidades históricas, linguísticas e culturais das comunidades indígenas.

Embora a escola tenha proporcionado acesso a novos conhecimentos científicos e educacionais, também provocou tensões culturais dentro das comunidades, uma vez que os conhecimentos escolares passaram a conviver com as formas tradicionais de transmissão dos saberes. A valorização do conhecimento escrito em detrimento da oralidade, as mudanças nos modos de ensinar e aprender e a introdução de novos costumes sociais contribuíram para transformações significativas na vida do povo Karipuna. Algumas práticas culturais passaram a perder espaço diante das exigências escolares e dos modelos educativos externos à realidade indígena.

Nesse sentido, Freire (1996) ressalta que a educação precisa partir da realidade cultural dos sujeitos, valorizando suas experiências, saberes e formas de existência. Para o autor, o processo educativo deve respeitar a identidade cultural dos educandos, promovendo uma educação dialógica, crítica e humanizadora. Ao discutir a importância do respeito à identidade cultural dos sujeitos, Freire afirma:

A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos, cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a assunção de nós por nós mesmos. É isto que o puro treinamento do professor não faz, perdendo-se e perdendo-o na estreita e pragmática visão do processo. (Freire, 1996, p. 19).

Essa reflexão torna-se fundamental quando pensamos a educação indígena, pois a escola não deve atuar como instrumento de apagamento cultural, mas como espaço de valorização das memórias, dos saberes ancestrais e das identidades dos povos originários. Nessa perspectiva, a educação precisa contribuir para que os sujeitos reconheçam sua história, sua cultura e seu pertencimento social. Ao discutir a construção da identidade e da autonomia dos educandos, Freire afirma:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos, em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora, ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a "outredade" do "não eu", ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu. (Freire, 1996, p. 18).

A reflexão freiriana contribui para compreender que a educação deve fortalecer os sujeitos em sua identidade cultural e histórica, possibilitando que reconheçam seus saberes, suas experiências e sua trajetória coletiva. No contexto indígena, esse entendimento assume especial relevância, uma vez que a valorização da cultura, da memória e da ancestralidade constitui elemento fundamental para a preservação da identidade dos povos originários.

Da mesma forma, Krenak (2019) destaca a importância de reconhecer os saberes indígenas como formas legítimas de conhecimento e existência. O autor critica os processos históricos que tentaram silenciar os modos de vida dos povos originários em nome de um projeto civilizatório ocidental.

Nessa perspectiva, refletir sobre a coexistência entre a educação indígena e a educação escolar indígena significa compreender que os conhecimentos tradicionais indígenas continuam vivos nas práticas comunitárias, mesmo diante das transformações provocadas pela escolarização indígena. De acordo com Munduruku (2012), a oralidade, a memória coletiva e os ensinamentos ancestrais constituem elementos centrais na formação cultural dos povos indígenas.

No povo Karipuna, os saberes transmitidos pelos mais velhos continuam exercendo importante papel educativo dentro da comunidade, fortalecendo os vínculos culturais, a identidade indígena e o sentimento de pertencimento coletivo.

Dessa maneira, compreende-se que a educação indígena e a educação escolar indígena coexistem na Aldeia Santa Izabel por meio de relações complexas, marcadas tanto por aproximações quanto por tensões culturais. Enquanto a escola introduz novos conhecimentos e possibilidades educacionais, os saberes tradicionais continuam presentes nas práticas culturais, nas narrativas orais, nos rituais, nas memórias coletivas e na relação cotidiana da comunidade com a natureza e com sua ancestralidade.

4 O acesso à educação formal na Aldeia Santa Izabel

A educação escolar indígena na Aldeia Santa Izabel passou a ganhar espaço a partir do momento em que a comunidade começou a estabelecer maior contato com instituições externas voltadas ao processo de escolarização indígena. Antes desse processo, a educação indígena acontecia de forma tradicional e contínua no cotidiano da comunidade, sendo transmitida por meio da oralidade, da convivência coletiva e dos ensinamentos dos mais velhos.

Os conhecimentos relacionados à pesca, à agricultura, aos rituais, à cultura e ao respeito à coletividade eram aprendidos no interior da própria comunidade, fortalecendo a identidade cultural do povo Karipuna. Atualmente, a educação escolar indígena e a educação indígena coexistem na comunidade, estabelecendo relações de convivência e articulação entre os saberes tradicionais e os conhecimentos escolares no cotidiano da aldeia.

Por meio dessa educação indígena, da qual todos participam, a criança toma conhecimento dos mitos de origem e das narrativas tradicionais transmitidas pelos mais velhos, desenvolve a imitação dos gestos dos adultos nas atividades diárias e aprende os ritos da comunidade pela repetição das práticas coletivas e pelo convívio social. Conforme afirma Aranha:

Por meio dessa educação difusa, de que todos participam, a criança toma conhecimento dos mitos dos ancestrais, desenvolve a imitação dos gestos dos adultos nas atividades diárias [...], pela repetição das práticas coletivas e pelo convívio social (Aranha, 2006, p. 35).

Compreende-se, portanto, que, nas comunidades tradicionais, a educação não se limitava ao espaço escolar, mas ocorria continuamente nas relações sociais, culturais e familiares. Entre os Karipuna, os saberes ancestrais são transmitidos coletivamente, fortalecendo a identidade cultural, os vínculos comunitários e a preservação das tradições indígenas.

Segundo Tassinari (2003, p. 363), "A escola que funcionava no Curipi, inicialmente na aldeia Espírito Santo e logo transferida para Santa Izabel [...]". A transferência da instituição para a Aldeia Santa Izabel marcou o início de uma nova etapa no processo educativo da comunidade. Entre 1945 e 1948, a escola funcionou inicialmente com a denominação de Escola do Rio Curipi e, posteriormente, passou a ser denominada Escola Grupo do Primeiro Grau Santa Izabel. A implantação da escola representou importantes mudanças no cotidiano da comunidade, introduzindo novas práticas de ensino, formas de organização social e conhecimentos provenientes de contextos externos à cultura tradicional indígena.

A instituição ofertava turmas da primeira à quarta série nos turnos matutino e vespertino, além do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), destinado à educação de jovens e adultos no período noturno. A escola seguia um modelo educacional fortemente influenciado pelos padrões nacionais da época, priorizando práticas cívicas, religiosas e disciplinadoras. Nesse contexto, as atividades escolares incluíam orações cristãs, hinos patrióticos e comemorações cívicas nacionais.

De acordo com Tassinari (2003, p. 363), a escola indígena da região mantinha práticas relacionadas à disciplina e à valorização dos símbolos nacionais:

[...] tinha sinais cotidianos de ordem, respeito às autoridades e aos símbolos nacionais. Dona Verônica conta que todos os dias, às oito horas da manhã, as crianças se perfilavam para o hasteamento da bandeira e quem estava por perto também assistia, tirando o chapéu.

Observa-se que essas práticas eram oriundas de modelos educacionais externos à realidade indígena, buscando inserir os povos originários em uma lógica nacionalista e civilizatória. A educação escolar indígena, naquele período, não valorizava os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas, mas procurava adaptá-los aos costumes e valores da sociedade não indígena.

Dona Verônica foi uma das pioneiras da educação escolar na região do Uaçá, atuando principalmente junto ao povo Karipuna. Sua presença permanece marcada na memória da comunidade, sendo frequentemente lembrada pelos moradores mais antigos. Conforme destaca Tassinari (2003, p. 360): “Não conheci um Karipuna que não tenha elogios para a professora Verônica e encontrei, mesmo da parte de ex-alunos, elogios aos antigos métodos da palmatória e da proibição do uso do patois na sala de aula”.

Embora existam relatos positivos sobre sua atuação, os métodos utilizados refletiam práticas rígidas de disciplinamento escolar, bastante comuns naquele período histórico. A proibição do uso da língua materna dentro da escola afetou profundamente a relação da comunidade com sua identidade cultural e linguística.

Segundo relatos dos moradores mais antigos da aldeia, os estudantes que falavam a língua materna eram castigados, sendo obrigados a utilizar exclusivamente a língua portuguesa. Além disso, os pais eram orientados a não utilizar a língua indígena em casa com seus filhos. Essas práticas demonstram como a educação escolar indígena foi utilizada, em determinados contextos históricos, como instrumento de silenciamento cultural e imposição de valores externos às comunidades indígenas.

Nesse sentido, Krenak (2019) nos leva a compreender que os povos indígenas historicamente enfrentaram processos de apagamento cultural promovidos por instituições colonizadoras, que buscaram desconsiderar os modos próprios de viver, aprender e existir dos povos originários. Assim, a escola indígena, naquele contexto, acabou contribuindo para a fragilização de aspectos importantes da cultura Karipuna, especialmente no que se refere à preservação da língua.

A presença do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) marcou profundamente a história da educação indígena no Brasil. Embora o órgão tenha sido criado sob o discurso de proteção aos povos indígenas, muitas das práticas desenvolvidas nas comunidades estavam relacionadas ao controle cultural e à integração forçada dos indígenas à sociedade nacional. Na Aldeia Santa Izabel, a atuação do SPI esteve diretamente ligada ao fortalecimento da educação escolar indígena. Contudo, essa presença também trouxe consequências negativas

para a cultura local. As proibições relacionadas à língua, aos costumes e às práticas culturais tornaram-se frequentes dentro dos espaços escolares.

A ideia de "civilizar" os povos indígenas fazia parte da lógica educacional predominante naquele período. Dessa forma, os conhecimentos tradicionais passaram a ser desvalorizados em detrimento dos conteúdos considerados adequados pelo sistema educacional nacional. Como consequência, diversos aspectos culturais do povo Karipuna foram gradativamente enfraquecidos, especialmente sua língua originária.

Atualmente, muitos moradores da Aldeia Santa Izabel já não utilizam a língua originária do povo Karipuna em seu cotidiano. A língua predominante na comunidade é o Kheuól, língua crioula de base francesa, historicamente constituída a partir dos contatos entre diferentes povos indígenas da região e das relações estabelecidas com a Guiana Francesa. Esse processo evidencia os impactos provocados pelas políticas assimilacionistas e pelos modelos educacionais implementados ao longo da história, que contribuíram para profundas transformações linguísticas e culturais na comunidade.

Com o passar dos anos, o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) foi extinto, e outras instituições passaram a atuar junto às comunidades indígenas, entre elas o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Diferentemente das práticas desenvolvidas em períodos anteriores, o CIMI passou a promover ações voltadas à valorização das culturas indígenas e ao fortalecimento da identidade étnica das comunidades.

Segundo Santos (2018):

[...] a partir da ida do Pe. Nello Rufaldi, em 1971, para a paróquia de Oiapoque, e dos primeiros contatos com as comunidades indígenas, o pároco passou a identificar-se com essa realidade e a desenvolver projetos pelo CIMI, tendo como princípios a valorização das culturas indígenas, como elemento de identidade e resistência [...] (Santos, 2018, p. 16).

Conforme Santos (2018), na década de 1980 o CIMI, em diálogo com as comunidades indígenas e com os professores da região, passou a promover uma proposta de educação escolar indígena comprometida com a realidade sociocultural dos povos indígenas. Nesse sentido, buscava-se construir uma "nova educação escolar integrada com a realidade do povo, no respeito da cultura e reforço da identidade étnica" (CURRÍCULO, 2006, p. 23 apud Santos, 2018, p. 16).

Santos (2018, p. 16) nos faz compreender que "essa 'nova educação escolar' visava instrumentalizar os professores indígenas em sua capacitação com o objetivo de promover a defesa e conquista de seus direitos específicos". Dessa forma, a educação escolar indígena

passou a assumir um papel importante no fortalecimento cultural e político das comunidades, contribuindo para a valorização dos saberes tradicionais e para a afirmação da identidade dos povos originários. Nesse sentido, o RCNEI (2002, p. 24-25) estabelece que a educação escolar indígena deve ser "comunitária, intercultural, bilíngue/multilíngue, específica e diferenciada". Esse entendimento é reforçado pela Resolução CNE/CEB nº 5/2012, cujo artigo 3º estabelece que a Educação Escolar Indígena tem como objetivos: I - a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências.

A partir desse novo contexto, a escola passou a desenvolver atividades voltadas à valorização da cultura do povo Karipuna. Posteriormente, com a gestão assumida pelo Estado, a instituição recebeu o nome de Escola Indígena Estadual Manoel Primo dos Santos, em homenagem ao fundador da Aldeia Santa Izabel, Manoel Primo dos Santos, conhecido como Senhor Coco.

Com o objetivo de fortalecer a cultura indígena no ambiente escolar, foi implantado, no ano de 2006, o projeto Semana Cultural, incorporado ao calendário anual da escola. O projeto passou a desenvolver atividades relacionadas aos grafismos indígenas, ao artesanato, às danças tradicionais, às narrativas orais e a outros elementos culturais do povo Karipuna.

Santos (2018) afirma que o empenho dos professores indígenas ao longo dessas duas décadas foi fundamental para que muitos jovens, por meio das oficinas e atividades culturais, pudessem aprender, respeitar e valorizar os conhecimentos materiais e imateriais da comunidade. Essas ações contribuíram significativamente para a preservação e a transmissão dos saberes tradicionais entre as diferentes gerações.

Entretanto, percebe-se que as transformações sociais, culturais e tecnológicas também têm impactado o interesse das novas gerações pelos conhecimentos tradicionais. Atualmente, observa-se que há indícios de menor participação de alguns jovens nas atividades culturais promovidas pela escola e pela comunidade, evidenciando os desafios contemporâneos enfrentados pela educação indígena no processo de preservação da identidade cultural, da memória coletiva e dos saberes ancestrais do povo Karipuna.

5 Desafios, resistências e permanências na aldeia Santa Izabel

Atualmente, na Aldeia Santa Izabel, a educação indígena e a educação escolar indígena coexistem na comunidade, estabelecendo importantes relações no processo de formação das novas gerações. Ambas fazem parte do cotidiano escolar da aldeia, pois, mesmo durante as aulas da educação escolar indígena, os professores procuram transmitir aos

estudantes conhecimentos relacionados à cultura do povo Karipuna. Existe uma preocupação constante em inserir, no ambiente escolar, elementos ligados à identidade indígena e à valorização dos saberes ancestrais.

Dessa maneira, as duas formas de educação caminham juntas, contribuindo tanto para o acesso ao conhecimento científico quanto para o fortalecimento da identidade cultural indígena. Diferentemente do passado, quando a escola era utilizada como instrumento de imposição cultural e silenciamento das tradições indígenas, atualmente busca-se promover uma educação que acolha e valorize a cultura da comunidade.

Nesse contexto, a escola passou a desenvolver atividades voltadas à valorização cultural, como o Projeto Semana Cultural, que busca incentivar os estudantes a conhecerem e preservarem as tradições culturais, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a identidade indígena. Dessa forma, percebe-se que a educação indígena e a educação escolar indígena representam não apenas um processo educativo, mas também uma importante estratégia de resistência cultural.

Nesse sentido, Tassinari (2001) e Nascimento (2004), citados por Landa e Herbetta (2017), compreendem a escola indígena como um espaço de trânsito entre diferentes mundos e formas de conhecimento, caracterizando-se como um lugar privilegiado de diálogo, trocas de saberes, redefinições e ressignificações construídas de acordo com as necessidades dos povos indígenas.

Essa compreensão da escola indígena como espaço de diálogo entre diferentes saberes está presente no RCNEI (2002), que orienta a articulação entre os conhecimentos tradicionais e os conhecimentos escolares. Essa proposta pode ser observada na realidade da Aldeia Santa Izabel, onde a educação escolar indígena busca caminhar em conjunto com os conhecimentos tradicionais da comunidade.

Entretanto, mesmo diante desses avanços, ainda existem desafios para manter o equilíbrio entre a educação escolar indígena e a educação indígena. As mudanças sociais, o avanço das tecnologias digitais e a influência da cultura não indígena acabam interferindo no interesse das novas gerações pelos conhecimentos tradicionais.

Com as transformações sociais e tecnológicas, a comunidade passou a vivenciar novas formas de comunicação, especialmente por meio do uso de celulares, da internet e das redes sociais. Essas ferramentas trouxeram importantes mudanças para a comunidade, sobretudo para os jovens indígenas, influenciando seus modos de vida, comportamentos e formas de aprendizagem.

Nessa perspectiva, Cruz (2024) ressalta que a mídia e a tecnologia apresentam impactos positivos e negativos na cultura indígena. Por um lado, o acesso à internet permite que os povos indígenas se conectem com o mundo exterior, obtenham informações sobre seus direitos e interajam com outras comunidades indígenas. Por outro, a modernização trazida pelas tecnologias pode afastar os jovens de determinadas tradições culturais, levando-os a valorizar mais os modos de vida urbanos em detrimento de aspectos importantes de sua cultura.

No cenário atual, o uso de celulares pelos jovens é bastante significativo. Há alguns anos, o acesso à internet era inexistente na aldeia e, nesse período, as crianças e os jovens mantinham contato diário por meio de brincadeiras, jogos de futebol realizados ao final das tardes e da participação em mutirões comunitários. Durante esses momentos, era comum que os mais velhos compartilhassem histórias sobre o passado da aldeia, além de narrativas e mitos tradicionais transmitidos oralmente às novas gerações.

Com o avanço da tecnologia, muitos costumes tradicionais passaram a ser vivenciados com menor frequência, e práticas que anteriormente faziam parte do cotidiano da comunidade já não acontecem da mesma maneira entre os jovens.

Apesar disso, a tecnologia também apresenta aspectos positivos, pois facilita o acesso à informação e contribui significativamente para os estudos, tanto dos alunos que frequentam a escola da aldeia quanto daqueles que realizam cursos na modalidade de educação a distância, sem precisar deixar a comunidade. A comunicação entre familiares que residem fora da aldeia por motivos de estudo, saúde ou trabalho também se tornou mais frequente, possibilitando maior aproximação, mesmo à distância.

Observa-se, portanto, que a tecnologia possui grande relevância para a comunidade, especialmente por proporcionar maior facilidade de comunicação, acesso à educação e circulação de informações.

Vale ressaltar que a juventude indígena da Aldeia Santa Izabel vive entre os conhecimentos tradicionais e as influências da modernidade. Com a chegada das tecnologias digitais e das redes sociais à comunidade, muitos jovens passam a vivenciar novas experiências culturais e sociais. Nesse contexto, "as tecnologias digitais configuram-se, então, como cenários de trocas interculturais que revelam a contradição entre tradição e modernidade" (Baggio et al., 2023, p. 181).

Esse cenário apresenta tanto possibilidades quanto desafios para a comunidade indígena, pois, ao mesmo tempo em que facilita o acesso à informação e fortalece a

comunicação, também contribui para transformações culturais que impactam a relação dos jovens com os conhecimentos tradicionais.

Por isso, torna-se fundamental fortalecer a identidade cultural indígena, e a escola da Aldeia Santa Izabel tem desempenhado um papel importante no incentivo à valorização da cultura, da língua e das tradições do povo Karipuna, mesmo diante das influências da modernidade e das tecnologias digitais. Hall (2005) afirma que:

a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência do momento do nascimento. [...] Ela permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada. (Hall, 2005, p.10)

A reflexão de Hall contribui para compreender que as identidades não são fixas nem imutáveis, mas encontram-se em constante processo de construção e reconstrução. No contexto da Aldeia Santa Izabel, os jovens indígenas vivenciam diariamente o desafio de transitar entre os conhecimentos tradicionais de seu povo e as influências da sociedade contemporânea. Nesse processo, a preservação da cultura Karipuna depende não apenas da transmissão dos saberes ancestrais, mas também da capacidade da comunidade de ressignificar suas tradições diante das transformações sociais e tecnológicas do mundo atual.

Dessa forma, apesar dos desafios enfrentados, a educação indígena continua desempenhando papel fundamental na manutenção da memória, da identidade e dos valores culturais do povo Karipuna, constituindo-se em importante instrumento de resistência, pertencimento e fortalecimento cultural.

Nesse contexto, a escola desempenha um papel fundamental na formação dos jovens indígenas, contribuindo para que os conhecimentos tradicionais sejam transmitidos às futuras gerações. Conforme Ferreira (2020), a escola indígena constitui-se como um espaço de resistência, no qual as tradições culturais são preservadas e fortalecidas diante das pressões da aculturação, possibilitando aos estudantes uma educação que respeite suas identidades culturais e seus modos próprios de viver e aprender.

Desse modo, a resistência indígena manifesta-se na luta cotidiana do povo da Aldeia Santa Izabel para manter viva sua cultura, mesmo diante das transformações provocadas pela modernidade. Essa resistência está presente tanto no espaço da educação escolar indígena quanto no cotidiano da comunidade, buscando evitar o silenciamento cultural e preservar a riqueza dos conhecimentos, das práticas e das tradições indígenas.

No passado, não era permitido o uso da língua materna dentro da escola, situação que dificultava a valorização cultural do povo Karipuna. Atualmente, a presença da língua indígena no ambiente escolar representa uma importante forma de resistência e fortalecimento da identidade cultural da comunidade.

A Escola Indígena Estadual Manoel Primo dos Santos possui, atualmente, Projeto Político-Pedagógico (PPP) próprio e conta com um corpo docente formado majoritariamente por professores indígenas. Esses profissionais desempenham papel fundamental dentro da comunidade, pois trabalham não apenas os conteúdos curriculares, mas também a valorização da língua, dos costumes, das memórias e dos conhecimentos tradicionais do povo Karipuna.

Com o intuito de aproximar os jovens dos saberes ancestrais, a escola desenvolve o Projeto Semana Cultural, que envolve a participação de professores, estudantes, artesãos e demais membros da comunidade. Nesse projeto, os conhecimentos tradicionais são compartilhados por meio de práticas culturais, como a confecção de pulseiras, o trançado de peneiras, a produção de artesanato, as atividades comunitárias e a dança do Turé, buscando manter viva a cultura indígena e evitar que esses saberes sejam esquecidos ao longo do tempo.

De acordo com Battestin, Fidelis e Narsizo (2022), ressaltam a importância dessas iniciativas ao afirmarem:

A semana cultural indígena tem uma contribuição expressiva para o conhecimento da história regional e principalmente para uma educação voltada à valorização cultural dos povos indígenas. Espaços como esses são fundamentais para que a comunidade reafirme o seu protagonismo e fortaleça as lutas e causas sociais. Sendo por qualquer motivo que seja essa 'ignorância' primária, usamos esses momentos para nos colocarmos à disposição da sociedade envolvente (Battestin; Fidelis; Narsizo, 2022, p. 12).

A partir dessa compreensão, percebe-se que a Semana Cultural ultrapassa o caráter de um evento escolar, constituindo-se em uma importante estratégia de fortalecimento da identidade indígena, de valorização da memória coletiva e de preservação dos saberes tradicionais do povo Karipuna. Além disso, o projeto contribui para aproximar as novas gerações de sua história, promovendo o diálogo entre tradição e contemporaneidade e fortalecendo o sentimento de pertencimento à comunidade.

É importante destacar que a presença de professores indígenas fortalece significativamente a educação escolar indígena, pois facilita o diálogo entre docentes e estudantes, considerando que esses educadores conhecem a realidade cultural, histórica e linguística da comunidade. Além disso, imprimem características próprias ao seu fazer pedagógico, atuando como mediadores entre os conhecimentos escolares e os saberes tradicionais, aproximando o ensino da vivência cultural dos alunos (URQUIZA, 2014).

A educação escolar indígena na Aldeia Santa Izabel busca fortalecer a cultura, os costumes, a língua e as tradições do povo Karipuna no ambiente escolar, contribuindo para que os estudantes não percam sua identidade cultural e mantenham vivos os conhecimentos herdados de seus antepassados.

Entretanto, ainda existem desafios importantes, como a melhoria da estrutura escolar, a formação de um número maior de professores indígenas, a ampliação do acesso ao ensino superior e o uso equilibrado das tecnologias pelas futuras gerações. Para que as condições de aprendizagem sejam cada vez mais significativas, é necessário enfrentar esses desafios, fortalecendo uma educação que respeite a cultura, a realidade da aldeia e os conhecimentos tradicionais da comunidade.

Apesar das mudanças ocorridas ao longo do tempo, permanecem na Aldeia Santa Izabel os laços comunitários, o respeito aos mais velhos e a preocupação em transmitir os conhecimentos tradicionais às futuras gerações. Da mesma forma, permanece o compromisso da escola com a formação dos jovens indígenas, sem deixar de lado a valorização e o respeito à cultura e à realidade do povo Karipuna. Mesmo diante das dificuldades ainda existentes, a comunidade e a Escola Indígena Estadual Manoel Primo dos Santos encontram formas de fortalecer, conjuntamente, sua história, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar.

Muitas transformações ocorreram ao longo dos anos, especialmente com a presença de professores indígenas na escola. Em períodos anteriores, a Aldeia Santa Izabel não contava com o Ensino Fundamental II nem com o Ensino Médio regular. Os estudos aconteciam de forma modular, conduzidos por professores não indígenas, situação que dificultava significativamente a trajetória escolar dos estudantes, pois, muitas vezes, eram necessários dois ou três anos para concluir uma única série.

Além disso, os atrasos eram frequentes, e os professores nem sempre chegavam na data prevista para o início das aulas. Em diversas situações, deixavam a comunidade antes do encerramento do período letivo, comprometendo o processo de ensino e aprendizagem.

Naquele período, a escola também não contava com secretário indígena nem com pedagogo indígena. Atualmente, essa realidade passou por importantes transformações, e os próprios indígenas atuam na gestão e na docência da educação escolar indígena. Os professores pertencem à comunidade de Santa Izabel ou às aldeias vizinhas, fortalecendo o vínculo entre escola e comunidade. O ensino tornou-se regular e, sobretudo, os profissionais compreendem a língua, a cultura e as especificidades da comunidade, favorecendo o diálogo entre docentes, estudantes e famílias.

Os desafios futuros da educação indígena Karipuna na Aldeia Santa Izabel estão relacionados à necessidade de fortalecer, cada vez mais, uma educação comprometida com a valorização da cultura, da língua e dos conhecimentos tradicionais do povo. Embora muitos avanços tenham sido conquistados ao longo do tempo, ainda é necessário ampliar ações que garantam aos estudantes indígenas uma educação de qualidade, sem que isso represente o afastamento de sua identidade cultural.

Outro desafio refere-se à valorização da língua indígena entre os jovens, uma vez que, diante das influências da modernidade e das transformações socioculturais contemporâneas, sua utilização cotidiana tem diminuído entre as novas gerações.

A formação de professores indígenas constitui um elemento central para o fortalecimento da educação escolar indígena na Aldeia Santa Izabel. A presença desses profissionais na escola contribui para a mediação do diálogo entre professores, estudantes e comunidade, pois eles compreendem profundamente a realidade cultural e linguística do povo Karipuna. Dessa forma, investir na formação docente indígena e ampliar o acesso ao ensino superior constituem ações fundamentais para o fortalecimento da educação escolar indígena.

Outro desafio importante diz respeito ao uso equilibrado da tecnologia na vida cotidiana da comunidade. Embora contribua para o acesso à informação, à comunicação e ao processo de aprendizagem, sua utilização requer uma abordagem consciente e crítica, de modo que ocorra de forma articulada aos modos de vida do povo Karipuna. Isso é necessário para que o uso das tecnologias não contribua para o afastamento dos jovens de sua cultura, de sua língua e de suas tradições.

Assim, a escola e a comunidade enfrentam conjuntamente esses desafios, buscando fortalecer a identidade indígena e garantir que os conhecimentos tradicionais permaneçam vivos e significativos para as futuras gerações do povo Karipuna.

6 Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo compreender as relações entre a educação indígena e a educação escolar indígena na Aldeia Santa Izabel, analisando de que maneira esses dois modos de educação coexistem e se articulam no cotidiano da comunidade Karipuna. Ao longo da pesquisa, foi possível compreender que, antes da implantação da escola, os conhecimentos eram transmitidos às crianças e aos jovens principalmente por meio da oralidade, da convivência familiar, dos rituais, das atividades produtivas e, sobretudo, pelos ensinamentos

dos mais velhos. Esses processos educativos contribuíam para o fortalecimento da identidade cultural, dos valores comunitários e do sentimento de pertencimento ao povo Karipuna.

A chegada da educação escolar indígena à aldeia provocou importantes transformações na vida da comunidade. Ao mesmo tempo em que possibilitou o acesso a novos conhecimentos, à leitura, à escrita e à ampliação das oportunidades educacionais, também esteve associada a práticas que enfraqueceram aspectos da cultura local. Durante muitos anos, a escola foi utilizada como instrumento de integração cultural, desconsiderando as especificidades dos povos indígenas e suas formas próprias de ensinar e aprender. A proibição do uso da língua indígena e a valorização de modelos educacionais externos à realidade da comunidade constituíram exemplos marcantes desse processo.

Entretanto, a pesquisa evidenciou que a educação escolar indígena na Aldeia Santa Izabel passou por significativas transformações ao longo do tempo. Atualmente, a Escola Indígena Estadual Manoel Primo dos Santos busca valorizar a cultura, a memória, a língua e os conhecimentos tradicionais da comunidade. A presença de professores indígenas, a realização da Semana Cultural e a participação ativa da comunidade nas atividades escolares representam importantes conquistas no fortalecimento da identidade cultural do povo Karipuna.

Apesar dos avanços alcançados, ainda permanecem desafios importantes a serem enfrentados. Entre eles, destacam-se a necessidade de ampliar a valorização da língua indígena entre os jovens, fortalecer o interesse das novas gerações pelos conhecimentos tradicionais, melhorar as condições estruturais da escola, ampliar o acesso ao ensino superior e promover o uso consciente das tecnologias digitais, de modo que estas contribuam para a aprendizagem sem comprometer a preservação cultural da comunidade.

A pesquisa também permitiu compreender que a educação indígena e a educação escolar indígena não devem ser vistas como processos opostos, mas como formas complementares de formação. Enquanto a educação escolar indígena possibilita o acesso aos conhecimentos sistematizados e às oportunidades educacionais, a educação indígena mantém vivos os saberes ancestrais, a memória coletiva, os valores culturais e a identidade do povo Karipuna. Dessa forma, o diálogo entre essas duas formas de educação torna-se fundamental para a construção de uma educação escolar indígena que respeite as especificidades culturais da comunidade e contribua para seu fortalecimento social e cultural.

Por fim, este trabalho possui um significado especial por ter sido construído a partir das vivências e experiências da própria autora, enquanto integrante do povo Karipuna e moradora da Aldeia Santa Izabel. Pesquisar a história da comunidade possibilitou

compreender melhor as transformações ocorridas ao longo do tempo e reconhecer a importância da preservação da memória, da cultura e dos conhecimentos tradicionais.

Dessa forma, esta pesquisa reafirma o protagonismo do povo Karipuna na produção de conhecimentos sobre sua própria história, contribuindo para a valorização das narrativas da comunidade e para o reconhecimento de uma história que, muitas vezes, teve sua presença pouco evidenciada nos registros escritos.

Assim, além de contribuir para a formação acadêmica da autora, este estudo representa uma forma de valorização da trajetória histórica do povo Karipuna e busca incentivar novas pesquisas sobre a Aldeia Santa Izabel, ampliando os registros e fortalecendo a produção de conhecimentos sobre sua história, sua cultura, sua memória e os processos educativos vivenciados pela comunidade.

Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da educação*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BAGGIO, Adriana Tulio; et al. Tecnologias digitais, interculturalidade e juventudes indígenas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 28, p. 1-20, 2023.

BATTESTIN, Cláudia; FIDELIS, Adroaldo Antonio; NARSIZO, Getúlio. **A semana cultural indígena enquanto espaço de conhecimento, fortalecimento e resistência da cultura kaingang**. *Eccos Rev. Cient.*, São Paulo, n. 660, e1727, jan. 2022. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-92782022000100201&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 maio 2026. Epub 08-Fev-2024. <https://doi.org/10.5585/eccos.n60.21727>.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 5, de 22 de junho de 2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica. Brasília, DF : Ministério da Educação, 2012.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 2002.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CURRÍCULO. Currículo de Ensino Fundamental nas Escolas Indígenas Karipuna, Galibi Marworno, Palikur e Galibi-Kalinã. Oiapoque: SEED/CIMI, 2006.

CRUZ, Fernando. **Comunicação e cultura: os impactos tecnológicos nas comunidades indígenas.** *RedeCT*, 29 ago. 2024. Disponível em: [RedeCT](#). Acesso em: 27 maio 2026.

FERREIRA, Bruno. **O papel da escola nas comunidades Kaingang.** 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LANDA, Beatriz dos Santos; HERBETTA, Alexandre Ferraz. **Educação escolar indígena: diálogos, interculturalidade e resistência.** Campo Grande: UFMS, 2017.

LANDA, Mariano Báez; HERBETTA, Alexandre Ferraz (org.). **Educação indígena e interculturalidade: um debate epistemológico e político = Educación indígena e interculturalidad: un debate epistemológico y político.** Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990).** São Paulo: Paulinas, 2012.

RONDON, Cândido Mariano da Silva. **Índios do Brasil.** Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/Serviço de Proteção aos Índios, 1953.

SANTOS, Glaucia. **Memória da Semana Cultural na Aldeia Santa Izabel de 2006 a 2016.** Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), 2018. Disponível em: https://www2.unifap.br/indigena/files/2021/04/2013_Glaucia-Santos_MEMÓRIA-DA-SEMANA-CULTURAL-NA-ALDEIA-SANTA-IZABEL-DE-2006-a-2016.pdf.

SANTOS, Luiz Wallac Oliveira dos; SILVA, Daniel. **A relação entre as fontes de rendas e as atividades produtivas na Aldeia Santa Izabel, Terra Indígena Uaçá no município de Oiapoque.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena) – Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional Oiapoque, Oiapoque, 2019.

SANTOS, Lurdimar dos. **O Conselho Indigenista Missionário entre os povos indígenas de Oiapoque: a atuação do CIMI na Aldeia Espírito Santo.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena em Ciências Humanas) – Universidade Federal do Amapá, Oiapoque, 2018. Disponível em:

https://www2.unifap.br/indigena/files/2021/04/2013_Lurdimar-dos-Santos_O-CONSELHO-INDIGENISTA-MISSION%C3%81RIO-ENTRE-OS-POVOS-IND%C3%8DGENAS-DE-OIAPOQUE-A-ATUA%C3%87%C3%83O-DO-CIMI-NA-ALDEIA-ESP%C3%8DRITO-SANTO.pdf.

SANTOS, Walter Vasconcelos dos. **História Karipuna: protagonismo ontem e hoje**. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura Intercultural Indígena, Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Coordenação de Educação Escolar Indígena, 2019.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. **No bom da festa: o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá**. São Paulo: Edusp, 2003.

URQUIZA, Antônio Hilário Aguilera. **Educação escolar indígena: desafios e perspectivas**. Campo Grande: UFMS, 2014.